

humanitas

Vol. XLI-XLII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XLI-XLII



COIMBRA

MCMLXXXIX-MCMXC

BAPTISTA MANTUANO
NA LITERATURA DO SÉCULO XVI
EM PORTUGAL

Uma das ciladas que o acaso da História ou os factores sociais disseminaram com mais abundância no campo da heurística e que, volta e meia, lograram surpreender o investigador incauto é o problema da homonímia. E tal perigo não se circunscreve apenas a épocas da história moderna ou contemporânea, como acontece com os nomes de João de Barros (o historiador das *Décadas*, ou o juiz e moralista autor do *Espelho de Casados*), Diogo de Paiva de Andrade (o teólogo e orador, ou o historiador e poeta novilatino), Jerónimo Osório (o bispo e humanista, ou o escriturista seu sobrinho e editor da obra completa do tio), para nos limitarmos a três exemplos coevos e bem conhecidos do século XVI.

De facto, o risco de confusão homonímica verifica-se mesmo em antropónimos de figuras das mais antigas e conhecidas da cultura universal, não apenas em nomes pessoais, mas até nos epítetos de origem toponímica. São, na verdade, bem conhecidas as antonomásias, por exemplo, de Aristóteles «o Estagirita», de Cícero «o Arpinate», de Horácio «o Venusino», de Ovídio «o Sulmonense»; e, embora não pareça haver dúvida em identificá-las com os respectivos autores dado o exclusivo que elas detêm em relação a eles, já o mesmo não acontece, porém, com o tão divulgado apelido de «Mantuano» atribuído ao poeta natural de Mântua e autor da mais humana epopeia e do mais belo poema técnico-didáctico de todos os tempos — Públio Virgílio Marão.

O nome de Mantuano é, efectivamente, um dos que surgem citados com mais frequência, sobretudo a partir do início do século XVI, em obras de carácter literário, tanto em verso como em prosa. Mas tal designação só raramente se refere a Virgílio, que aparece de preferência evocado pelo nome de Maro, ou Marão, seu nome gentílico,

como era hábito entre os humanistas (1). Trata-se, sim, a maior parte das vezes, do frade carmelita e humanista italiano Baptista Mantuano, também conhecido pelo apelido de «Spagnoli», evocativo da sua ascendência ibérica (2).

Filho de Pietro Modover e de Constança Maggi, nasceu em Mântua em 1447 e aí fez a sua primeira preparação humanística. Estudou filosofia em Pádua e transitou para a Universidade de Bolonha, onde obteve os graus de bacharel, em 1470, e de mestre em teologia em 1475. Desde muito jovem, e ainda em Pádua, revelou-se não apenas um aluno brilhante e de extraordinário talento, mas também um promissor poeta novilatino, com a composição das suas primeiras oito bucólicas. Entrou em 1464 para a Ordem do Carmo, à qual dedicou toda a sua vida e onde exerceu uma acção de notável relevo, assumindo variados e sucessivos encargos, que culminaram com o de superior geral dos Carmelitas, em 1513. Veio a falecer na sua terra natal em 1516, sem ter podido levar a cabo o plano de reforma que se propusera introduzir naquela Ordem.

Apesar das muitas ocupações monásticas que lhe absorveram a vida, conseguiu dedicar, simultaneamente, grande parte do seu tempo às Musas, deixando uma vasta produção poética de imitação virgiliana a tal ponto apreciada, que os contemporâneos o consideravam um segundo Virgílio (3).

(1) Entre os nomes por eles preferidos contam-se os «Túlio» para Cícero, de «Flaco» para Horácio e de «Nasão» para Ovídio.

(2) Embora alguns autores persistam em chamá-lo João Baptista, o seu verdadeiro nome próprio é apenas Baptista. Depois do processo de beatificação aprovado por Leão XIII em 17 de Dezembro de 1885, ficou correntemente conhecido nos meios italianos por Beato Baptista Spagnoli. Sobre a sua vida e obra, vejam-se sobretudo: Alessandro Luzio - Rodolfo Renier, «La coltura e relazioni letterarie di Isabella d'Este Gonzaga II», *Giornale della Letteratura Italiana* 34 (1899) 1-97, em especial 59-70; W. Mustard, *The Eclogues of Baptista Mantuanus*, Baltimore, 1911; Vladimiro Zabughin, «Un beato poeta (Battista Spagnoli, il Mantovano)», *L'Arcadia* I (1917) 61-90; Lodovico Saggi, O. Carm., *La Congregazione Mantovana dei Carmelitani sino alla Morte del B. Battista Spagnoli (1516)*. Roma, Institutum Carmelitanum, 1954 (com indicação bibliográfica nas páginas 116-117, n.º 122); Edmondo Coccia, O. Carm., *Le Edizioni delle Opere del Mantovano*. Roma, Institutum Carmelitanum, 1960 e *Index Aureliensis. Catalogus librorum sedecimo saeculo impressorum* I, tom. III. Aureliae Aquensis (Baden-Baden), 1968, p. 71-125.

(3) A edição das églogas saída em Erfurt, em 1501, ostenta o título de *Aeglogae Vergilij Neoterici: hoc ẽ Baptistae Mantuani Carmelitae*, repetido ainda na de Wittenberg de 1513, na de 1514 de Leipzig e em outras.

Entre as suas obras, num total de perto de setenta títulos e cerca de 55.000 versos, destacam-se as já referidas éclogas, compostas quase todas durante a juventude e publicadas em 1498 com o título de *Adolescentia*, e nas quais o poeta revela talvez a sua maior perfeição artística de sempre, numa linguagem vigorosa de conteúdo frequentemente satírico acerca de variada temática, que inclui considerações morais sobre o amor honesto e desonesto, ácidas críticas contra as imperfeições da mulher e os costumes da Cúria Romana, comparações entre a vida do campo e da cidade, etc.; os seis livros do poema *Alfonsus* (1492), em que, à maneira de «visões» medievais de além-túmulo, descreve uma viagem de Afonso de Aragão através do Purgatório e do Inferno e em que são evocadas figuras e acontecimentos ligados à vida social e política da Itália e se exalta a vitória do rei de Espanha na tomada de Granada; o poemeto *De calamitatibus temporum*, escrito por volta de 1497 e publicado dez anos mais tarde em Bolonha, no qual o autor, sob a figuração da alegoria dantesca dos sete pecados capitais e do seu triunfo — a Soberba, a Filargíria (ou amor do dinheiro), a Gastrimargia (ou Gula), a Luxúria e outros males —, expõe os flagelos da peste que por essa altura assolara a Itália, as guerras intestinas em que os principados cristãos gastavam as forças e as economias do povo, a corrupção generalizada dos costumes, que atingira mesmo as mais altas figuras da Igreja, e, como uma espécie de castigo da Cristandade, a permanente ameaça da invasão dos Turcos.

Têm particular importância, pela imitação e consagração que suscitaram em poetas posteriores, os oito livros das *Parthenicae*, os três primeiros dedicados à Virgem (*Parthenice Mariana*, ou *Parthenice prima*) e os restantes às santas mártires Catarina de Alexandria (três livros), Margarida e Águeda (um livro) e Luzia e Apolónia (um livro), todos compostos em hexâmetros dactílicos de austero elogio às virtudes da mulher heróica, no estilo das clássicas composições *De claris mulieribus* ao jeito de Boccaccio; e o *De sacris diebus* ou *Fastorum libri XII*, que descrevem os fastos do ano cristão, mediante o louvor dos principais santos que a Igreja celebra ao longo do ciclo litúrgico, e que pretendem imitar, na forma e no estilo, e substituir, no conteúdo, os *Fastos* de Ovídio.

No campo da epopeia áulica, Baptista Mantuano escreveu várias obras, entre as quais se contam os cinco livros do *Trophaeum pro Gallorum ex Italia expulsione*, em que exalta a figura de Francisco Gonzaga, marquês de Mântua (Francisco II) entre 1498 e 1503, e lhe atribui o

mérito de ter expulsado os Franceses da Itália, para grande afronta de Carlos VIII; os seis livros de louvor a Dom Gonçalo de Córdoba, o famoso «Gran Capitán» que, às ordens dos Reis Católicos, governou Nápoles de 1504 a 1507 e em cuja glória o poeta carmelita Baptista, Il Spagnoli, não deixaria de orgulhar-se da sua própria origem espanhola.

No âmbito mais directamente ligado à intervenção política, são, também, de destacar a *Exhortatio ad Insubres et Ligures*, a composição *Ad Iulium Secundum Pont. Max.*, poemeto que recorda a acção pessoal do papa Júlio II na campanha militar de 1506 da reconquista de várias cidades italianas do Estado pontifício, e uma *Obiurgatio cum exhortatione ad capiendam arma contra infideles ad Potentatus Christianos*, conjunto de catorze pequenos poemas dirigidos aos príncipes da Europa, exortando-os a unirem-se numa cruzada contra os Turcos, que exerciam permanente pressão sobre a Cristandade (4).

Apesar das reservas e de certas palavras de acerada crítica pronunciadas, já no século XVI, contra a poesia do fecundíssimo Baptista Mantuano por parte de alguns humanistas, sobretudo italianos, que, talvez não totalmente isentos de inveja, o acusavam de ter descurado, prematura e progressivamente, a promissora Musa que na idade juvenil o bafejara com tanta generosidade, como o demonstram as suas Éclogas, a verdade é que o seu nome foi, desde cedo e por muito tempo, celebrado por alguns dos expoentes máximos da cultura europeia do seu tempo. À frente deles surge a autoridade de Erasmo, a quem se deve o epíteto de «Virgílio Cristão» (*Christianus Maro*) concedido ao nosso humanista numa das suas cartas, dirigida de Paris, em 7 de Novembro de 1496, a Henri de Berghes, bispo de Cambrai, e em que confessava a sua estranheza e «uma surda irritação» perante o hábito de alguns jovens poetas, que, apesar de se considerarem cristãos, tomavam por modelo escritores como Catulo, Tibulo, Propércio ou Ovídio, e não Moisés, David ou Salomão. Por contraste e como exemplo edificante, o humanista flamengo evocava justamente o poeta de Mântua seu contemporâneo, deste modo:

*Qua in re Baptista ille Mantuanus palmariam meo iudicio operam nauavit.
Qui ut cum Marone communem patriam sortitus est, ita et Maronis*

(4) Sobre esta última obra vd. o nosso estudo «Turcos, Árabes e Descobrimentos na voz do Virgílio Cristão: comentário a um poema de Baptista Mantuano», Congresso Internacional 'Bartolomeu Dias e a Sua Época', *Actas IV*, Porto, 1989, p. 135-163.

eruditionem non parum accessit; qui mihi non alio iure Christianus Maro uidetur appellandus quam quo Firmianum Lactantium Agricola Christianum Ciceronem solebat appellare (5).

i.e.

Foi nesta matéria que o ilustre Baptista Mantuano prestou, em minha opinião, um serviço meritório. A Fortuna concedeu-lhe a mesma pátria que a Virgílio, e ele conseguiu chegar muito perto do seu saber. Parece-me que ele deve ser chamado o Virgílio cristão, pelo mesmo e exacto motivo com que Agricola costumava chamar a Firmiano Lactância o Cícero cristão.

Esta opinião de Erasmo, apesar de confidenciada numa carta particular, reflecte o prestígio de que Baptista Mantuano gozava pelos finais do século xv, período de plena maturidade e em que a sua produção literária era já largamente conhecida, embora viesse a atingir o auge da divulgação a partir dos anos que se seguiram até cerca de 1520.

Para se fazer uma ideia da aceitação da poesia do Virgílio Cristão, basta recordar que ele teve o prazer de ver os seus livros publicados em mais de 300 edições, em separado ou em conjunto, desde os incunábulo saídos durante o último quartel do século xv até ao ano da sua morte, em 1516. Com tal actividade literária e confrontado com os escritores coevos, conquistou nessa época um indiscutível primado editorial que se estendeu pelos principais centros tipográficos da Europa inteira, designadamente nas cidades de Bolonha, Brescia, Veneza, Milão, Pesaro, Roma; em França nas cidades de Estrasburgo, Paris, Angers, Poitiers, Lion, Caen e Rouan; na Alemanha em Colónia, Erfurt, Leipzig, Wittenberg, Frankfurt, Munster, Tubinga, Nuremberga; nas cidades holandesas de Deventer (uma das mais frequentes), Swolle e Hertogenbasch; e, ainda, em cidades de outros países, como Antuérpia, Cracóvia, Alcalá de Henares e Viena de Áustria. E depois da morte as edições multiplicaram-se (embora em ritmo mais lento, sobretudo a partir de 1521), pelas mesmas e ainda outras cidades, como Turim, Macerata, Ferrara e Florença, na Itália; Hagenau, Périgeux e Annecy, em França; Ulm e Ingolstadt, na Alemanha; Barcelona, Granada e Medina del Campo, na Espanha; e também em Londres e em Basileia. Até ao fim do século xvi, as obras de Baptista Man-

(5) Vd. *Opus Epistolarum* Des. Erasmi Roterodami denuo recognitum et auctum per P. S. Allen ..., Tom. I, 1484-1514, Oxonii, in Typographeo Clarendoniano, MCMVI (Epist. 19, p. 163).

tuano foram editadas cerca de quatrocentas e cinquenta vezes, quer em separado, quer em conjunto, e atingem na actualidade um total de cerca de 550 edições, com publicações modernas, como as da *Parthenice Mariana*, saída em Aylesford e em Pádua em 1957.

O quadro estatístico que estes dados numéricos desenham demonstra a imensa popularidade alcançada pelo Novo Virgílio, não apenas dentro da Itália, mas também além fronteiras, abarcando os mais activos centros europeus de divulgação desde Zwolle e Antuérpia a Roma e Viena de Áustria, de Cracóvia a Londres, de Wittenberg a Granada.

Tal popularidade, tão espontânea e tão longínqua dos projectos de um monge carmelita, que a não procurava, deve-se naturalmente ao valor intrínseco da sua literatura. Mas também reside num factor fundamental de ordem sócio-cultural e que se prende com a mentalidade da burguesia italiana. Esta, com efeito, embora fascinada com a descoberta dos padrões estéticos da Antiguidade Clássica, por ela mesma revitalizados e difundidos pela Europa através do humanismo renascentista, manteve, todavia, sempre viva a herança do pensamento cristão, que, em muitos aspectos, colidia frontalmente com a antiga filosofia grega e romana. Foi assim que a sociedade italiana, depois de um século de experiência no culto e prática do humanismo greco-latino e, de certa maneira, saturada com a temática de referência clássica, acolheu com particular receptividade o surgir, nos finais do século xv, de uma nova poesia que, usando dos mesmos recursos estéticos dos Antigos e cultivando a mesma lima da poética aristotélico-horaciana, os aplicasse a um conteúdo de motivação cristã. Foi isto o que Baptista Mantuano fez.

Dotado de indiscutível talento inato, como o provam, desde logo, as suas primeiras composições, Mantuano preocupou-se sobretudo com fazer do latim uma língua viva, sem sujeição absoluta às regras de um purismo intolerante. Encontram-se nele características de um certo estilo coloquial, como neologismos, anacolutos, braquiologias sintácticas e liberdades métricas que o afastam de outros humanistas cristãos que lhe sucederam, por exemplo Jerónimo Vida com o poema *Christiados libri sex* (1535) e Jacopo Sannazaro com os seus hinos sagrados e a epopeia cristã *De partu Virginis*. Daí que nem todos aceitassem de modo pacífico a euforia de o comparar a Virgílio e a decisão tomada pelos seus compatriotas de Mântua de lhe erguerem, a título póstumo, um busto ao lado do do autor da *Eneida*.

Entre as vozes da crítica mais ou menos contemporânea, soaram as de conceituados humanistas como Lílio Gregório Giralddi, que lamenta a excessiva produção literária de Baptista Mantuano com prejuízo da sua qualidade, progressivamente degradada desde a juventude, e, quanto ao paralelo estabelecido entre ele e Virgílio, protesta nestes termos:

At, bone Deus, quam dispar ingenium! Nam ut ubique Maro perfectus, ita hic immodica et paene temeraria ubique usus est licentia, quam et magis atque magis in dies auxit (6).

i.e.

Mas, santo Deus, quanta diferença de talento! Assim como Virgílio é em toda a parte perfeito, assim este (Baptista Mantuano) usou em toda a parte de uma desmedida e quase temerária licença, que ele fez crescer cada vez mais e mais.

Por seu lado, Júlio César Escalígero, embora lhe reconheça talento, acusa-o de falta de arte e mimoseia-o com epítetos como «Mole, lânguido, frouxo, sem ritmo, sem harmonia, plebeu». «Não é que ele não tenha talento», — continua o seu crítico — «é arte que lhe falta; e contanto que escreva o que lhe tiver vindo à cabeça e publique o que tiver escrito, o resto tanto lhe faz como fez». Escalígero chega, mesmo, a escarnecer da poesia de Mantuano com a seguinte paródia aos famosos versos que Horácio dedicou a Virgílio nas suas Sátiras:

..... *putri atque caduco*
Carmelum imbuerunt sordentes rure cicadae (7).

i.e.

As cigarras, desdenhosas do campo, impregnaram
o Carmelo dum talento podre e caduco.

(6) Vd. *Dialogi duo de Poetis nostrorum temporum*, in: Lili Greg. Giralddi Ferrariensis *Operum quae extant omnium Tomus secundus* ..., Basileae, per Tomam Guarinum, MDLXXX, p. 388.

(7) Vd. Iulii Caesaris Scaligeri viri clarissimi, *Poetices Libri Septem*..., Ad Syluium filium. Apud Petrum Santandreamum, M.D.XCIV, lib. VI, cap. III, p. 788: «*Molis, languidus, fluxus, incomptus, sine numeris, plebeus; non sine ingenio, sed sine arte. Dummodo scribat quod in mentem uenerit, edat quod scripserit, susque deque habet.* O texto de Horácio, *Sat. I, 10, 44-45*, é o seguinte: «... *mole atque facetum! Vergilio adnuerunt gaudentes rure Camenae*, isto é, «As Camenas, amigas do campo, concederam a Virgílio um estilo delicado e cheio de graça».

Enfim, Paulo Jóvio, com as duas páginas que lhe consagra nos *Elogia*, deixa sobre ele uma imagem afinal pouco elogiosa. Também o acusa de negligenciar a lima poética para cuidar de outras preocupações, ele «a quem a natureza dotara para a poesia, mas que andava de tal modo absorvido pela paixão insaciável dos estudos hebraicos, que, ao lutar por parecer grande e admirável em tudo, se via obrigado a afrouxar a dedicação e diligência devidas ao culto das Musas; e só com elas asseguraria a indubitável subida à eternidade, se, contente com o louvor certo, tivesse desprezado a tempo a fama de tudo o resto» (8).

É, também, do mesmo crítico a seguinte censura feita à comparação estabelecida pelos autarcas de Mântua entre os dois poetas seus filhos: «E o príncipe Federico ergue-lhe a efígie de mármore coroada de louros que se vê junto da estátua de Virgílio Marão, em piedosa, se não (meu Deus!) ridícula comparação» (9).

A despeito da autoridade de quem subscreve estas críticas — que, valha a verdade, nem sempre estiveram isentas de parcialidade e má informação (10) —, o facto é que a fama, polémica ou não, de Baptista Mantuano continuou muito para além da morte. Das sucessivas reedições da sua obra, já atrás referidas, muitas eram destinadas ao uso escolar, por vezes sob forma comentada, como texto de apoio

(8) Vd. *Elogia doctorum uirorum ab auorum memoria publicatis ingenii monumentis illustrium*. Authore Paulo Iouio Nouocomense, episcopo Nucetino. Praeter noua Ioan. Latomi Gergani in singulos Epigrammata: adiecimus ad priora Italicae editionis, illustrium aliquot Poetarum alia. Antuerpiae, apud Ioan. Bellerum sub insigni Falconis, 1557, p. 132: «*Naturam ad carmen attulit, uerum insatiabili Hebraicorum studiorum cupiditate ita occupatam, ut quum magnus et admirabilis in omnibus uideri contenderet, in excolendis Musis curam ac diligentiam remittere cogetur; quibus unis non dubius ad aeternitatem gradus parabatur, si certa laude contentus, in reliquis inane nomen tempestiue contempsisset.*»

(9) Vd. ib., p. 133: «*Federicus autem Princeps marmoream effigiem cum laurea posuit quae in arcu lapideo, iuxta Virgilii Maronis simulacrum, pia hercle, si non ridenda comparatione conspicitur.*»

(10) Basta dizer que, no que respeita a Paulo Jóvio e à sua animosidade contra Baptista Mantuano, foi ele, ao que parece, quem lançou a atoarda da filiação ilegítima deste poeta, hoje desmentida pela crítica, e o erro da sua morte aos oitenta anos, quando ele, afinal, morreu bem mais novo: «*Mantuae ex Hispaniola gente honesta, uerum ex damnato coitu natus*» e «*Octogenario maior Mantuae decessit non plane felix*», diz o autor (vd. *op. cit.*, p. 132 e 133, respectivamente).

à aprendizagem do latim e das regras da métrica e ao trabalho de análise filológica. Os colégios de Artes e as próprias universidades recomendavam-nos nos seus estatutos, como o testemunha o caso do humanista inglês John Colet, que incluiu Baptista Mantuano entre os autores cristãos dados no programa de estudos da escola da catedral de S. Paulo, em Londres, ao lado de Lactâncio, Prudêncio, Proba, Sedúlio e Juvenco (11).

Em Espanha, nomeadamente na Universidade de Salamanca, surgiu, de resto, nos albores do século XVI, um tipo de ensino humanístico que aplicava à poesia da literatura cristã, aos hinos litúrgicos e, inclusive, aos textos bíblicos, as mesmas técnicas de estudo filológico usadas na abordagem dos textos clássicos. Tiveram ali papel pioneiro nesta inovação pedagógica os grandes humanistas António de Nebrija e o famoso Mestre Grego, isto é, o português Aires Barbosa, que, em resposta a certos universitários conservadores do Estudo Geral de Salamanca que o acusavam de ocupar as aulas com autores pagãos, resolveu, pelos anos de 1512-1513, dar um curso de comentário ao poema latino do cardeal Arator, a *Historia Apostolica*, que veio a publicar, três anos depois, a pedido insistente dos seus ouvintes, num volume de 302 páginas compactas (12).

Em Sevilha, Pedro Núñez Delgado, discípulo dos mestres salmantinos, promove em 1512 uma edição dos *Parthenice septem* de Baptista Mantuano provavelmente com objectivos escolares (13). E, ainda na segunda metade do século XVI, os mestres do colégio jesuítico de Medina del Campo continuavam a incluir no programa de estudos desta escola a *Parthenice Mariana* do mesmo poeta, como se pode ver pelo título da respectiva edição impressa naquela cidade em 1561 pelo tipógrafo Francisco del Canto, «a favor dos estudantes de Medina que no Colégio da Companhia de Jesus aprendem as belas-letas» (14).

(11) Vd. Joseph Hirst Lupton, *Life of Dean Colet*, London, 1883, Appendix A, p. 279. Cit. por Marcel Bataillon, *Erasmus y Espana. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*. México-Madrid-Buenos Aires, 1979, p. 15, n. 16.

(12) Vd. *Aratoris Cardinalis Historia Apostolica cum commentariis Arii Barbosa Lusitani*. (Cólofon:) *Impressum Salmanticae in aedibus Ioannis de Porris Mense Aprili M.DXVI*.

(13) Vd. Marcel Bataillon, *op. cit.*, p. 27.

(14) Vd. *Baptistae Mantuani Carmelitae, Theologi ac poetae clarissimi, Parthenine Mariana, recenter excusa, in Methymnensium scholasticorum gratiam: Collegio*

No que respeita a Portugal, um valioso testemunho acerca de Baptista Mantuano e da própria evolução da sua fama durante a maior parte do século XVI é-nos dado pelo humanista e antiquário André de Resende, que, ao falar da cidade de Lagos no pequeno capítulo que lhe dedica no *De antiquitatibus Lusitaniae*, se lhe refere de uma forma explícita. A evocação tem a particularidade de pôr em confronto o prestígio do humanista italiano, no auge da aceitação quando Resende era ainda criança — *me puero*, diz ele mesmo —, com a época do seu declínio, quando o mesmo autor escrevia o referido tratado «Acerca das Antiguidades da Lusitânia», pelos finais da década de Sessenta e princípios de Setenta (15). O contraste de situação é visivelmente acentuado pelas frases «*qui (Baptista Mantuanus) me puero per omnium ora uolitabat*» e «*cuuius poetae quoniam multum iam fama refrixit...*» do testemunho de Resende, que aqui traduzimos por inteiro:

«Acerca de Lacóbriga

O vulgo, mutilando e distorcendo um tanto o seu nome, chama Lagos a Lacóbriga, uma populosa e notabilíssima vila dos nossos

Societatis Iesu bonas literas addiscentium. Methymnae Campi. Excudebat Frâciscus à Canto, Typographus, Anno. M.D.LXI. O monograma grego IHS, adoptado como distintivo pela Companhia de Jesus, aparece, no título deste livro, ilustrado com o seguinte dístico elegíaco, que bem se ajusta ao espírito cristão que informa toda a poesia de Baptista Mantuano: *Non tantum Phoebus quantum splendescit Iesus. Hic micat assidue, nubibus ille latet*, isto é, «Febo não resplandece tanto como Jesus. Este brilha sem cessar, aquele está coberto de nuvens».

(15) André de Resende, nascido por volta de 1500, morreu em 1573, e este seu livro foi publicado postumamente, como o próprio título esclarece, por Diogo Mendes de Vasconcelos no ano de 1593. O mesmo editor informa, na carta dirigida ao cardeal D. Henrique a 15 de Janeiro de 1580 e publicada no início da mesma obra, que Resende passara cinquenta anos a reunir a matéria do *De antiquitatibus*, mas que só começara a dedicar-se seriamente à sua redacção quatro anos antes da morte: «*Antiqua Romanorum monumenta, quae apud Lusitanos extant, primus Andreas Resendius inuestigare coepit, idque cum per quinquaginta ferme annos, quoad per alias occupationes licuit, diligenter fecisset (quod ex ipsius litteris constat), nunquam tamen de ea re, ex professo et serio, scribere tentauit, nisi quadriennio fere ante obitus sui diem*». (vd. André de Resende, *Libri quatuor de antiquitatibus Lusitaniae a Lucio Andrea Resendio olim inchoati, et a Iacobo Menoetio Vasconcello recogniti atque absoluti. Accessit liber quintus de antiquitate municipii Eborensis, ab eodem Vasconcello conscriptus, quo etiam autore, secundus tomus quinque alios libros continens, cito, deo opt. max. fauente, in lucem prodidit*. (...). Excudebat Martinus Burgensis academiae typographus. Eborae anno 1593, p. 24.)

tempos e há pouco elevada ao título e categoria de cidade pelo rei D. Sebastião, tal como o fora a cidade de Faro por D. João III, avô de D. Sebastião.

Li, há já muitos anos atrás, nos *Agelários* de Baptista Mantuano — que na minha meninice andava na boca de toda a gente —, este grande testemunho acerca de Lacóbriga:

«Dizem que Lacóbriga ergueu sete estátuas ao vitorioso Ardíburo, tantas vezes quantas ela fora destruída, na guerra por ele desencadeada contra as incursões dos Vândalos»

Mas não sei donde ele o tirou. E porque a fama deste poeta já decaiu muito, tudo o mais que a Lacóbriga respeita, poderão vê-lo, se quiserem, junto daquele em cujas mãos esse livro foi parar (16).

O que se passa no âmbito escolar e filológico quanto à projecção da poesia de Mantuano verifica-se, igualmente, no domínio literário, onde ela é evocada umas vezes de maneira velada, outras francamente aberta, como modelo de inspiração ou recurso abonatório de ideias ou simples informações para poetas e prosadores (17).

O crédito literário concedido ao Virgílio Cristão em Portugal no século XVI deve-se, em grande parte, também, à influência de escritores estrangeiros que, com o seu exemplo de admiração pela obra do humanista carmelita, contribuíram certamente para a sua divulgação entre nós. Está possivelmente nesse caso o famoso canonista Martim de Azpilcueta Navarro, que, a convite de D. João III, veio de Espanha para Coimbra, em cuja Universidade ensinou com invulgar prestígio e excepcionais privilégios durante cerca de quinze anos desde Dezembro de 1538.

(16) Vd. André de Resende, *op. cit.*, p. 185-186.

(17) Sobre a presença de Baptista Mantuano na poesia peninsular, Eugenio Asensio, num dos *Estudios Portugueses*, Paris, 1974, identifica dois versos da écloga *Baltea* de Alonzo Núñez de Reinoso com um passo da *Parthenice Prima* I, 19, de Mantuano e recorda que Marcel Bataillon observara a influência do mesmo humanista na poesia de S. João da Cruz (vd. *op. cit.*, p. 139). Asensio aponta, também, dentro da literatura portuguesa, paralelos neovirgilianos no teatro vicentino, designadamente nos textos de glorificação mariana do *Auto de Sibila Cassandra* e no *Auto de Mofina Mendes*; na *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos e, mais tarde (1630), no poema *Teresa Militante* de Manuel das Chagas, bem como em Amador Arrais, de quem falaremos mais adiante. Vd. Eugenio Asensio, *op. cit.*, p. 79-80 e 469.

O Doutor Navarro — nome por que era mais conhecido no ambiente académico coimbrão — tinha, com efeito, em grande apreço a poesia de Mantuano, a ponto de a ela recorrer para abonar as ideias expostas nos comentários das suas «repetições» de Cânones, como aconteceu, por exemplo, com o *Commento en romance* publicado em Coimbra, em 1545, acerca de vária matéria litúrgica (18). Um primeiro passo desse débito aparece integrado numa exposição acerca da ordenação dos dias de trabalho e de descanso e oração da semana cristã, representativa do Novo Testamento, que começa por louvar a Deus no primeiro dia, ao contrário da judaica e veterotestamentária, que reserva o dia sagrado para o fim. A tal propósito diz, com efeito, o Doutor Navarro: «Mucho al revés delo del Anciano Testamento, en el qual las peticiones y prometimientos mas claro contenían lo temporal, que lo spiritual. De donde se sigue ser verdad aquello de un varón esclarecido:

*Nostra Deo primam lucem Iudaea supremam,
hebdomas impartit, quia prima et maxima nobis
cura Dei, Hebraeis uel nulla uel ultima semper.*

La semana delos Cristianos, el primer dia dedica a Dios, la delos judíos el postrero, porque nuestro primero y maior cuydado es delo de Dios y el suyo el postrero o ninguno».

(18) Vd. *Commento en romance a manera de repiticion latina y scholastica de Iuristas, sobre el capitulo Quando. de cõsecratione dist. prima. Cõpuesto por el doctor Martin de Azpilcueta Nauarro, cathredatico de prima e canones ãla vniuersidad de Coimbra, enel exercicio de todas letras muy sublimada. Enel qual de rayz se trata dela oracion, horas canonicas y otros officios diuinos, y quando, como y porq̃ se han de dezir en el choro v fuera del (...). Conimbricae, Nonas Octo. M.D.XLV.*

O Doutor Martim de Azpilcueta Navarro, catedrático de prima de Direito Canónico, foi um dos professores mais fecundos da Universidade de Coimbra do seu tempo. As suas obras, na maior parte resultantes do próprio trabalho lectivo, começam a aparecer publicadas — sob a forma de prelecções, das chamadas *relectiones*, comentários, adições, tratados e manuais — três anos e meio após a sua chegada a Coimbra, com a edição, em 31 de Março de 1543, das *Praelectiones in cap. Si quando & cap. Cum contingat (...)*, num ritmo de mais de uma publicação por ano até 13 de Dezembro de 1552, dia em que publicou o *Manual de Confessores y penitentes*, que já o apresenta como «cathedratico jubilado». Sabe-se que a sua jubilação lhe havia sido concedida por carta régia de 5 de Janeiro de 1552 e que fora reconduzido por provisão de 23 do mesmo mês e ano. A 5 de Setembro do ano seguinte foi-lhe dada licença para se ausentar, e ainda nesse ano saiu a lume, também em Coimbra, a tradução espanhola daquela última obra. As reedições reaparecem, de novo em Coimbra, desde 1560 até 1567, e continuam noutras cidades (Viseu, Évora e Lisboa) pelos anos seguintes, num ritmo semelhante.

A nota à margem informa que os três versos atrás transcritos são «do cap. 2 do livro II do *De fastis* de Baptista Mantuano» (*Baptistae Mant. lib. 2 De Fastis cap. 2*). Trata-se, com efeito, de um outro título por que também é conhecido o tratado *De sacris diebus* do Virgílio Cristão (19).

No capítulo dedicado à Virgem Maria «*Stella maris*», Navarro transcreve, da *Parthenice Mariana* do mesmo poeta, estes dois passos particularmente adaptados à circunstância temática aí tratada:

*Tu placidum terris sidus, quod liberat omnes
a pelagi feruore rates
Te duce uela damus portus habitura secundos.*

Acompanha-os a seguinte tradução:

Vos sois la estrella plazentera, que todas las naves livrays del hervor dela mar. Guiandonos vos, navegamos com esperança de llegar a próspero puerto (20).

Igualmente, ao dissertar sobre a intervenção da Virgem Maria na história da salvação como mãe de Cristo e co-redentora da Humanidade, Azpilcueta Navarro ilustra o seu texto com a transcrição de um passo do mesmo poema mariano de Baptista Mantuano, para realçar o contraste entre Eva — a origem da morte — e Maria — a fonte da nova vida —, numa glosa ao atributo concedido à Virgem pela antiga tradição teológica. São estes os hexâmetros «de un devoto suyo», segundo as palavras daquele professor de Coimbra, que os transcreve e faz acompanhar de tradução sua:

..... *Vulnus uirgo, medicamina uirgo;*

(19) Vd. Martim de Azpilcueta Navarro, *Commento (...) sobre el capitulo Quando. de cõsecratione (...)*. Coimbra, 1545, p. 451 (= 439 nossa).

(20) Vd. id., p. 466 (= 454 nossa). Para efeito de citação da obra de Baptista Mantuano, servimo-nos da edição de Paris, feita por Jean Petit, em 1513, com comentários de Ioducus Badus Ascensius, Sebastião Murrhon e Sebastião Brandt: *Nouem F. Baptiste Mätuani Carmelitae, Theologi, poetaeque clarissimi opa praeter caetera moralia: (...)* Venundantur ab Joãne Paruo et ipso Ascensio Parrhisiis: Et Iacobo Forestario Rothomagi: in suis cuiusque aedibus (Cólofon: ...) ad Idus Iunias. M.D.XIII. Tom. I-II. Para o passo aqui citado, cf. Baptista Mantuano, *Parthenice Mariana*, I, 19-20 e 23, *op. cit.*, tom. I, fl. Xr. Este mesmo passo foi usado por Amador Arrais: cf. *infra*, n. 29 e transcrição no respectivo corpo do texto.

*contulit illa necis, dedit haec primordia uitae.
 Illa tulit belli causas, haec semina pacis.
 Illa uenenosae Stygiis lactata Megaerae
 uberibus gelido conceptum pectore uirus
 expuit in natos, nigrosque afflata colubro
 in genus omne suum spumam eructauit Auerni.
 Ista salutari totam se proluit imbre.
 Nectarei fontis uitalia pocula, dulces
 ambrosiae succos plenis crateribus hausit.*

Llagó la virgen, curó la virgen; aquela dio los comienços dela muerte, esta los dela vida. Aquella traxó las causas dela guerra. Esta la semiente dela paz. Aquella, mamada la leche delas tetas estigias, de la venenosa Megera furia infernal, escupio la ponçoña en su pecho helado concebida en sus hijos, y, inchada con soplos dela negra culebra, regoldó la infernal espuma sobre todo su linaje. Esta toda se lavó en agua lluvia saludable y a taças llenas bevio el dulce çumo dela celestial ambrosía, bebida que es de vida, en la fuente divina. Esta beve las fuentes que manan miel celestial † y

*..... se in flumina uertit
 lactea, quae semper plenis currentia ripis
 omne solum lustrant*

Se vuelve en ríos que, llenas las riberas, corren por todo el mundo y lo lauan (21).

Além destes dois exemplos da presença da poesia de Mantuano na obra de Azpilcueta Navarro, há ainda, no mesmo livro, uma referência, embora menos explícita, ao poeta novilatino, cuja autoridade filológica é invocada para legislar sobre a correcta acentuação latina da palavra *Lucia*, que deve ser proparoxítone e não paroxítone como, ao que parece, alguns pronunciavam em Portugal no tempo de Azpilcueta. O nome de Mantuano não vem mencionado no corpo do texto, mas o autor revela-o na seguinte nota marginal: «*Baptista in parthenice Luciae*» (22). Trata-se, pois, do poema dedicado à vida e

(21) Vd. Martim de Azpilcueta Navarro, *op. cit.*, p. 472 (= 460 nossa). Cf. B. Mantuano, *Parthenice Mariana* 2, 700-706, 710-712 e 715-716, *op. cit.*, tom. I, fl. LIX.

(22) Vd. Martim de Azpilcueta Navarro, *op. cit.*, p. 261 (= 259 nossa). A confirmar o testemunho evocado pelo Doutor Navarro, podemos indicar os seguintes casos da *Parthenices Tertiae Liber Secundus: Luciae Agon* (v. 2 e 12; *op. cit.*, tom. I,

martírio de Santa Lúcia (ou Luzia, como, afinal, prevaleceu na acentuação tradicional portuguesa mais corrente).

Ainda no que respeita directamente a Portugal, podemos juntar a estes autores uma menção expressamente registada num dos diálogos da *Imagem da Vida Cristã*, em que Heitor Pinto, a propósito da visão do maravilhoso sinal da *ora caeli* ocorrido em Roma no tempo do imperador Augusto, se abona, entre outros autores mais antigos, do testemunho colhido num passo da obra de Baptista Mantuano (23).

Mas, de entre os escritores portugueses do século XVI que maior tributo prestaram à obra poética do Novo Virgílio, destaca-se, sem dúvida, Frei Amador Arrais. Os seus *Diálogos* são um exemplo expressivo da prodigiosa informação e formação humanística dos teólogos de Quinhentos. Em Arrais, com efeito, a par das citações bíblicas, de autores da Patrística e da poesia cristã, como Santo Agostinho, São Jerónimo, São João Crisóstomo, Lactâncio e Prudêncio, aparecem, com igual frequência e oportunidade, nomes clássicos, como Homero, Aristóteles, Platão, Plutarco, Cícero, Virgílio, Horácio, Juvenal, Lucano e Claudiano. O Diálogos evocam, ainda, com surpreendente afluência, escritores modernos e humanistas italianos, espanhóis e portugueses, como Petrarca, Pontano, Lourenço Valla, Sannazaro, Luís Vives, João de Barros, Damião de Góis, Garcia de Orta, André de Resende e, no meio deles, precisamente o nosso poeta Baptista Mantuano (24). É este, de resto, um dos autores mais citados ao longo de toda a obra do bispo carmelita português.

Ao discorrer, no cap. XV do diálogo primeiro, acerca da influência que a compleição psicossomática dos pais exerce na dos filhos, designa-

fl. CLXI), em que a posição do nome *Lucia* no hexâmetro prova a sua acentuação esdrúxula:

Lucia cui tracti sulcant uada frigida et undam.

.....
Lucia nobilium soboles generosa parentum.

(23) Vd. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã, Ordenada por Diálogos, Compostos por...*, Porto, Lello & Irmão-Editores, «Tesouros da Literatura e da História», 1984, Tom. II, p. 782.

(24) Sobre a erudição do carmelita português, vd. Maria Teresa Pedro de Jesus Ferreira, *A Cultura de Dom Frei Amador Arrais*. Coimbra, Faculdade de Letras, 1959 (tese dactilografada).

damente quanto aos defeitos de temperamento, Arrais recorda e traduz a seguinte imagem colhida do Virgílio Cristão:

*Qui uiret in foliis uenit a radicibus humor:
et patrum in natos abeunt cum semine mores.*

Disse elegantemente Baptista Mantuano. Isto é: o humor que verdece em as folhas procede das raízes, e os costumes dos pais vão com a semente para os filhos (25).

No diálogo sétimo, que trata «Da paciência e da fortaleza cristã», Arrais lembra, logo no cap. I, as recomendações finais de Cristo dadas aos seus discípulos e à sua própria mãe no sentido de suportarem com paciência e coragem todo o sofrimento, e, quanto à Virgem Maria em particular, evoca o testemunho de dois hexâmetros de Mantuano, deste modo: «E à sua Madre amantíssima diz Baptista Mantuano que disse:

*Viue, nec aduersos inter te desere casus,
nec fugias mala, nec quaeras, uenientia ferta.*

Vivei, Mãe minha, e com as adversidades não falteis a Vós mesma, nem fujaes dos males, nem os busqueis, e quando vos vierem sofrei-os» (26).

No capítulo III do mesmo diálogo VII, ao falar «Do esforço que Deus dá aos seus em os trabalhos» e celebrando a coragem com que os mártires enfrentaram a morte, Amador Arrais recorre, para o efeito, pela voz do interlocutor Antíoco, a dois passos da *Parthenice Catharinae*, que assim comenta, transcreve e traduz:

Quero dar os parabéns de suas vitórias a estes santos Mártires de que fizestes comemoração, com aqueles versos de Baptista Mantuano, em pessoa da virgem alexandrina, animando os sábios que havia convertido quando os queriam martirizar:

*Ite triumphales animae, superate tyrannum,
ite alacres. Hodie uobis reserantur Olympi
limina, momentum mors est, ubi transit, aether
panditur, et liber petit ignea spiritus astra.*

(25) Vd. Amador Arrais, *Diálogos (...)*, Porto, Lello & Irmão - Editores, «Tesouros da Literatura e da História», 1974, p. 39-40.

(26) Vd. id., *op. cit.*, p. 402. Cf. Baptista Mantuano, *Parthenice Mariana* 3, 370-671, *op. cit.*, fl. LXXXVr.

Ide, almas triunfaes, ide alegres, vencei o tirano e sabei que hoje se vos abrem as portas do Ceo, passados os tormentos momentâneos da morte.

E logo a seguir acrescenta:

Com igoal elegância cantou o mesmo Poeta o que a sobredita virgem dizia à mulher de Porfírio, que indo para o Martírio se queixava por não ir baptizada:

..... *I, felix regina, nec undas
quaere alias, nec te puri iactura lauacri
sollicitet, tu caede tua, tu sanguine sacro
tincta, triumphalem ducas ad sidera pompam* (27).

Quando Amador Arrais pretende definir os critérios de prioridade no uso e dádiva dos nossos bens pessoais, colocando as necessidades da Igreja em primeiro lugar, logo seguida dos pobres e, só no fim, os interesses próprios, aponta o exemplo do que «fazia a santa matrona Ana, que dava a melhor parte ao templo, e as outras duas gastava com os pobres e em sustentar sua casa.» Esta evocação refere-se a Santa Ana, mãe da Virgem Maria, cujo elogio ocupa largos versos na *Parthenice Mariana* de Baptista Mantuano. Por isso, Arrais concretiza a sua abonação acrescentando de seguida: «Mantuano em pessoa dela diz:

*Sic nostras partimur opes: pars optima templo,
altera sors inopi seruit, pars tertia nobis.*» (28)

Mas a maior soma de passos incorporados pelo frade português na sua obra centra-se no último diálogo, aquele que trata «Da invocação da Nossa Senhora» e que é, de longe, o maior de todos. Ora, tais abonações são colhidas precisamente da obra de Mantuano que mais directa e demoradamente se refere à Virgem Maria, isto é, da *Parthenice Mariana*. Surgem em contextos variados que somam um conjunto de 22 citações de diferente extensão, num total de cerca de 60 versos.

(27) Vd. id., *op. cit.*, p. 407. Cf. Baptista Mantuano, *Parthenice Virginis Catherinae* 3, 191-194, *op. cit.*, fl. CXXXIv.

(28) Vd. Amador Arrais, *op. cit.*, p. 468. Cf. Baptista Mantuano, *Parthenice Mariana* 1, 730-731, *op. cit.*, fl. XXXIIv.

Os primeiros três exemplos aparecem num mesmo enquadramento do capítulo IV acerca da invocação da Virgem como protectora e guia, e a quem se deve recorrer no meio das dificuldades. Usando de metáforas sobretudo marítimas, Arrais tradu-las e transcreve-as, indicando a sua origem mantuana:

Rebeca perguntada do criado de Abraão pelo caminho, sendo a esposa que ele buscava para seu Senhor, foi também guia pera ser achada; assi a Virgem é a mesma que nos guia e encaminha, quando em cousas de seu serviço nos ocupamos, é nosso luzeiro quando imploramos o seu favor, é norte e vento próspero que nos leva a salvamento, té chegar a bom porto (como diz Baptista Mantuano)

*Tu nobis Helice, nobis Cynosura per altum,
te duce uela damus, portus habitura secundos (29).*

E logo a seguir coloca na boca de um dos seus interlocutores estes versos do mesmo Mantuano:

*Tu mihi, diua, faue, caelum cui militat omne,
quam trepidant Erebi sedes, cui terra fretumque
uota precesque ferunt, nostro tu sola labori
sis praesens.*

Favorecei-me, Senhora, debaixo de cuja bandeira militam os anjos do Ceo, a quem temem as potestades do Inferno, a quem a terra e o mar oferecem preces e votos, sede comigo e favorecei-me neste trabalho em que me vejo.

*Tu placidum terris sidus, quod liberat omnes
a pelagi feruore rates, quod luce benigna
Saturni, Martisque graues eliminat iras.*

Vós sois estrela aprazível às terras, que livra os navegantes das tormentas e iras do mar e com sua benigna luz tempera as iras de Saturno e Marte (30).

(29) Vd. Amador Arrais, *op. cit.*, p. 578. Cf. Baptista Mantuano, *Parthenice Mariana* 1, 22-23, *op. cit.* fl. Xr. Sobre as constelações Hélice e Cinosura, referidas pelo mesmo Mantuano no poema dedicado aos descobrimentos portugueses, vd. a comunicação citada *supra* na nota 4, e respectiva p. 160. n. 35.

(30) Vd. Amador Arrais, *op. cit.*, p. 578. Cf. Baptista Mantuano, *Parthenice Mariana* 1, 9-12 e 1, 19-21; *op. cit.*, fl. IXv-Xr. O passo de 1, 19-21 é igualmente citado por Azpilcueta Navarro: cf. *supra* n. 20.

No capítulo VI, em que «Prossegue os louvores da mesma Senhora», o autor convida-nos a entrar no oceano dos louvores de Maria e a que «cometamos este arquipélago, encomendando-nos primeiramente a Deos; pois não há em nosso ânimo forças que bastem pera compreender o profundo e largo oceano dos louvores desta Senhora, conforme ao que cantou Baptista Mantuano:

..... *Quantula namque
uis animi nostri est, ut suffectura sit amplum,
ire per Oceanum laudum, Regina, tuarum* (31).

Frei Amador Arrais era um homem de vasta cultura clássica, adquirida em aturado estudo no seio dos carmelitas, em Beja, em Lisboa e, sobretudo, no ambiente académico de Coimbra desde 1546, onde foi professor colegial e universitário. O seu gosto pela erudição e pelas letras está, como dissemos, largamente demonstrado nos seus diálogos, em que aparecem repetidas citações de autores da literatura greco-latina de mistura com padres da Igreja, poetas cristãos e humanistas, quer nacionais quer estrangeiros.

Ora, é num contexto de simbiose de citações clássicas, humanísticas e cristãs que Arrais presta a Mantuano o seu maior elogio, ainda que envolto em roupagens de uma sincera modéstia. Com efeito, ao enaltecer a «fermosa presença» da Virgem Maria e ao aplicar-lhe um belo passo da *Eneida* em que Virgílio descreve os dotes físicos de Lavínia (32), o carmelita português explica-se deste modo:

Uso da Musa dos insignes poetas para celebrar as excelências da sempre Virgem Mãe de Deos, o que não deve parecer mal a bons entendimentos. Pelo menos a mim, que sou rudo e mais que sem língua no falar, agradam-me tanto os poetas cristãos e algũas cousas dos gentios ditas com arte, que me levantam o espírito. E tenho por um dos notáveis o carmelita Baptista Mantuano, chamado dos doutos do seu tempo *Ter maximus* e do insigne Doutor Navarro, varão esclarecido. Resende, no 4. lib. das *Antiguidades da Lusitânia*, p. 189, diz que, sendo ele moço, era tão grande a fama deste poeta, que o seu nome andava na boca de todos. E caso que não fora este, a grandeza das cousas que tratou basta pera o fazer de grande nome. Disse, desta Senhora, que Ihe dera Deos hũa fermosura celestial, e que a gravidade

(31) Vd. Amador Arrais, *op. cit.*, p. 584.

(32) Vd. id., *op. cit.*, p. 601; cf. Virgílio, *Eneida* 12, 65-69.

de seu rosto gracioso e airoso tinha por longo espaço suspensos os que a viam.

*Os roseum sine labe dedit, frontique decorem
sidereum et laetos formae caelestis honores.
Mira superciliū grauitas pondusque uenustae
frontis et eximia fulgentes indole uultus
suspensas hominum mentes, atque ora uidentum
per longas immota moras retinere solebant* (33).

E, logo depois, acrescenta, a respeito da mesma beleza da Mãe de Deus, o seguinte passo extraído, mais uma vez, da *Parthenice Mariana* do humanista de Mântua:

Reluzia em seu vulto hũa limpeza celestial que atravessava os corações dos que a viam e extinguiu neles as alterações da concupiscência e gerava limpos pensamentos e santos propósitos, como Baptista Mantuano o cantou em seus versos.

*Cuius ad aspectum, quamquam transcenderet ore
omne decus mortale, tamen suppressa libido
omnis et extincto semper Venus igne quiescit* (34).

No cap. XXXVII, «Da ida da Virgem a visitar Santa Elisabeth», Arrais glosa o texto bíblico para lhe dar um certo sentido figurado no que respeita à expressão «para a serra», lugar aonde Maria se dirigira para visitar sua prima. O comentário do autor inclui mais uma citação do *Parthenice Mariana* de Baptista Mantuano, cujo nome vem expresso à margem do texto, deste modo:

Caminhava, pois, em sua companhia pera a serra da Judea, porque no grego se lê «*in montanam regionem*» (35). Não quer Deos que deçam os santos, senão que subam e creçam em merecimentos. E, portanto, mandou a Abraão que não decendesse a Egipto. Pera onde caminharia a Mãe de Deos, senão pera os altos montes?

*Mens calefacta Deo sanctisque exercita curis
altius it, semperque magis terrena relinquit.*

(33) Vd. Amador Arrais, *ibid.* Cf. Baptista Mantuano, *Parthenice Mariana* 1, 91-92 e 400-403; *op. cit.*, fl. XIIr-XIIv e XIIr, respectivamente.

(34) Vd. Amador Arrais, *op. cit.*, p. 602. Cf. Baptista Mantuano, *Parthenice Mariana* 2, 378-380; *op. cit.*, fl. XLVIv.

(35) Tradução da expressão grega *εἰς τὴν ὄρεινὴν*.

A mente inflamada em o amor de Deos e exercitada em santos pensamentos vai-se levantando cada vez mais, e deixa logo as cousas da terra (36).

No capítulo seguinte, ainda relacionado com a mesma visita de Maria, o autor disserta, pela voz do interlocutor Olímpio, acerca «Da honestidade da Virgem» e do júbilo da própria natureza, que, à sua passagem, acorria e se derramava em demonstrações de curiosidade e reverência. Depois de evocar e traduzir um belo passo de Sannazaro, Arrais acrescenta: «Tudo isto é meditação de Sanazar em que também floreceu Baptista Mantuano:

..... *Fragrantia rura*
purpureas passim uiolas et candida passim
lilia fundebant
 *Thaboris*
se iuga flexerunt, dominam specularum ab alto
uertice Carmelus caput inclinavit apricum.

Os prados odoríferos a cada passo, por onde ela ia, lançavam violas e lílios, e os montes Tabor e Carmelo, especulando e descobrindo a Senhora de seus altos montes, inclinavam a cabeça e lhe faziam, a seu modo, profunda reverência.» (37)

Amador Arrais sente que o seu prazer pela poesia é tão forte, que o considera porventura impróprio de um monge do Carmelo, e procura explicar-se perante o seu interlocutor Antíoco, dizendo que «Estas delícias e flores dos insignes poetas cristãos me alteram tanto o peito e levantam tanto ao alto os pensamentos, que o não sei dizer, e fazem que não estê em minha mão deixar de as entremeter em história tão grave, dado que corto nesta parte muito per minha condição, receoso de vos enfadar» (38). Mas estas razões de Olímpio, isto é, de Arrais, são corroboradas por Antíoco, que assim justifica e engrandece a poesia cristã, achando-a muitas vezes igual e, nalguns casos, até superior à Musa dos poetas gentios: «Não são essas cousas taes que o possam

(36) Vd. Amador Arrais, *op. cit.*, p. 660. Cf. Baptista Mantuano, *Parthenice Mariana* 2, 431 e 433; *op. cit.*, fl. Lv.

(37) Vd. Amador Arrais, *op. cit.*, p. 663. Cf. Baptista Mantuano, *Parthenice Mariana* 2, 626-627 e 630-631; *op. cit.*, fl. LVIIIr.

(38) Vd. Amador Arrais, *op. cit.*, p. 663.

fazer, muito louvor se lhes deve aos poetas cristãos, pois nelas empregaram seus altos engenhos. As matérias que celebraram com sua facunda e insigne musa lhes deram forças e levantaram o espírito, e taes foram pera eles fontes Castálias e covas Pimpleas. Não duvido que em muitos passos de seus poemas fossem igoaes aos poetas da gentildade e em alguns riscassem por cima de todos eles. Em sua lição se gasta melhor a flor da idade, que na dos livros de fábulas vãs e amores torpes.» (39)

Quando Arrais descreve as angústias por que passou a Mãe de Jesus, em razão da sua perda aos doze anos durante as festas de Jerusalém, e as dores que ela sofreu nos três longos dias de busca, usa algumas metáforas de particular beleza e associa à sua descrição mais um passo do humanista italiano, deste modo:

Assi andava a Virgem como pasmada pelo não achar em três dias, buscando-o por diversas partes e queixando-se. Queixava-se a manhã rutilante de toda graça, por lhe não aparecer o Sol de sua alegria, espantava-se de se lhe ausentar por um breve espaço, que a seus saudosos desejos parecia longo, e dizia gemendo o que Baptista Mantuano pôs em os versos seguintes:

..... *Magni mi nate Tonantis
progenies, si terram habitas, te ostende parenti;
si caelos, aeterna Patris si regna petisti,
me quoque depositis in sidera collige membris,
uel uiuam me tolle, precor: quo ueneris aequum est
me quoque, nate, sequi; tuus est ex sanguine sanguis,
ex membris tua membra meis, ex corpore corpus* (40).

Filho meu e do Altíssimo, se estais na terra, descobri-vos a vossa mãe, e se fostes pera o reino de vosso Padre, apartai minha alma destes membros e recolhei-a convosco em os Ceos, ou levai-me pera vós assi viva como estou. Rezão é que me ache em vossa companhia, pois vosso corpo, membros e sangue foi tomado do meu.

Finalmente, quando Amador Arrais dedica o capítulo LXX deste mesmo Diálogo Décimo ao «sentimento da Virgem ao pé da Cruz» e aí expõe os sofrimentos da «compaixão da Mãe de Deus» pela morte

(39) Vd. id., *op. cit.*, p. 663-664.

(40) Vd. Amador Arrais, *op. cit.*, p. 716. Cf. Baptista Mantuano, *Parthenice Mariana* 3, 503 e 505-509; *op. cit.*, fl. LXXXIV.

do filho unigénito, associa às suas palavras os seguintes versos do Virgílio Cristão, com que termina o referido capítulo: «Por aqui em algũa maneira se pode entender quamanha seria a compaixão da Virgem. Ouvi a Baptista Mantuano em nome da Senhora, lamentando nesta sua transfixão:

*O decus, o placidum diuinae frontis honorem,
o sine labe manus, o nescia criminis ora.
Hoc liuoris opus? Tantas amor improbus auri
parturit insidias?
Virtuti honor hic, haec praemia dantur
moribus innocuis? Prohibe tua lumina, Titan.
Vae tibi patribusque tuis, sanctissima quondam
nunc scelerum sentina Sion; tua crimina quantis
te implicuere malis.
Vita mihi semper posthac inuisa futura est,
nulla dies lacrimis unquam gemituque carebit,
et uiuam moriens, erit et mihi uita sepulcrum,
nulla meis sine te solacia, nulla uoluptas
rebus erit. Tecum pereunt mea gaudia, tecum
omne meum solamen obit, suspiria tantum,
singultusque mihi sine te, et lamenta supersunt.*

Ó fronte serena e divina. Ó mãos sem pecado e boca sem crime. A tanto pode chegar o mal da inveja e o da avareza? Esta é a honra que se faz à virtude e os prémios que se dão à inocência? Eclipsa-te, Sol, e recolhe teus raios. Ai de ti, Sion, antigamente santíssima e agora sentina de todas as maldades. Em quantos males te implicaram teus pecados. Não quero mais vida, pois me não há-de servir senão de gemidos e lágrimas. Viverei morrendo, e a vida será pera mim a sepultura. Convosco, filho, acabam meus prazeres, e sem vós tudo será soluçar, chorar e suspirar (41).

Mas não é apenas em autores de língua vernácula que, em Portugal, se mostra patente a influência de Baptista Mantuano. Também na literatura novilatina encontramos inegáveis e profundas marcas do seu contributo directo. O exemplo porventura mais flagrante é o caso do *De senectute* de Lopo Serrão, um poema quinhentista com

(41) Vd. Amador Arrais, *op. cit.*, p. 735-736. Cf. Baptista Mantuano, *Parthenice Mariana* 3, 540, 542, 556-557, 570-571, 577-579, 616 e 591-594; *op. cit.*, ff. LXXXIIv-LXXXIIIr e LXXXIIIr.

cerca de 8.000 hexâmetros latinos que retoma, de forma mais desenvolvida, o tema exposto por Cícero no diálogo do mesmo nome (42).

De facto, este humanista e médico eborense inspirou-se, muitas vezes da maneira mais servil, em várias das obras do Virgílio Cristão, a começar pelos livros I, II, III e IV das *Éclogas*, que lhe serviram para compor grande parte do canto XIII do poema *Da Velhice*, todo ele marcado por uma literatura de severa crítica misógina e antiamorosa, que percorre igualmente as bucólicas do humanista italiano.

Entre cerca de uma quinzena de passos do canto XIII do *De senectute* em que Lopo Serrão incluiu e glosou outros tantos extractos das referidas éclogas de Mantuano, vejamos como o humanista português usou a maior parte deles para preencher uma longa página do seu poema (*De senectute* 13, 431-476), na qual descreve os efeitos e marcas deixados pelo Amor nas vítimas de suas setas envenenadas. Para melhor visualizar o tipo de colagem utilizado, vamos transcrever o próprio texto de Mantuano, indicando a negro as partes alteradas por Serrão:

Ecl. I, 48-52: *Ludit amor sensus, oculos praestringit et aufert
libertatem animi et mira nos fascinat arte.
Credo aliquis daemon, subiens praecordia, flammam
concitet, et raptam tollat de cardine mentem,
nec Deus (ut peribent) Amor est, sed amator et error.*

81-84: *Quisquis amat leuis est, nec femina sola, sed ipsi
quos sapere et praestare aliis mortalibus aiunt,
quos operit latus fulgenti murice clauus,
quos uidi elatos regali incidere passu.*

108: *Namque dolos inspirat amor fraudesque ministrat,*

(42) Vd. DE SENECTVTE / ET ALIIS VTRIVSQVE / sexus, aetatibus, & moribus / Lupo Serrano Lusitano Eborensi / Doctore & regio Medico / Authore. / Totum hoc opus carmine expo- / situm est. / Sunt Libri quatuordecim. / Addita est huic operi, deploratio populi is- / raelitici propè flumina Babylonis, & / eiusdē exitus de terra Aegypti. / Cum facultate & approbatione Reuerendissimorum Patrum supremo sanctae Inqui- / sitionis Concilio Praefectorum. / Olysippone, excudebat Antonius Riberius. / M.D.LXXIX. Para efeito de citação, vd. Sebastião Tavares de Pinho, *Lopo Serrão e o Seu Poema 'Da Velhice'*. Estudo introdutório, texto latino e aparato crítico, tradução e notas. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras, 1987. Sobre a influência de Mantuano em Lopo Serrão, vd., em particular, p. 214-220.

- 114-116: *Quisquis amat seruit, sequitur captiuus amantem,
fert domita ceruice iugum, fert uerbera tergo
dulcia, fert stimulos, trahit et bouis instar aratrum.*
.....
- 119: *Hoc animi tam triste bonum, tam dulce uenenum*
.....
- Ecl. II, 123-130: *Sed nullum est tam immane genus, tam barbara nusquam
gens, quae femineos non excretur amores.
Hinc ueniunt rixae, ueniunt et iurgia et arma,
Saepe etiam dirae multo cum sanguine mortes;
hinc quoque deletis euersae moenibus urbes
Ipsae etiam leges rubrisque uolumina loris
clausa uetant scelus hoc, et defestantur amores.*
.....
- Ecl. I, 122-124: *Pallebam attonito similis lymphaticus, amens,
immemor, insomnis, nec erat res ardua morbi
nosse genus, frons est animi mutabilis iudex
ut pater aduertit*
- Ecl. II, 103-106: *Hanc puer ut uidit, periit, flammisque tuendo
hausit, et in pectus caecos absorbet ignes:
ignes qui nec aquis periri potuere nec umbris
diminui neque graminibus magicisue susurris,*
166: *inuida res amor est, res inuidiosa uoluptas*
- Ecl. III, 156-163: *heu funesta lues, fatalis machina, passim
corda uenenatis penetrans humana sagittis,
aequiparans hominem pecudi: Quae pocula Circe?
Quae peiora unquam potuit dare philtro Calypso?
Quae Styx? Quis Phlegethon grauior? quae maior Erinys?
O stulti quicumque Deum dixistis Amorem;
num natura nocens Deus est? Ubicumque locorum
sit Deus, est homini clemens, innoxius, aequus.*

A simples imagem gráfica desta página mostra a clara e profunda dependência do texto de Serrão relativamente ao de Mantuano. Com excepção, talvez, do verso I,87, em que a frase «*quos uidi ... regali incidere passu*» («que eu vi... a caminhar no seu régio andar») poderá ter sido alterada no seu conteúdo por receio político de ferir as pessoas da corte — onde, aliás, Lopo Serrão era médico —; tirando alguns acrescentos de sua lavra para reforçar certas afirmações ou adaptá-las ao contexto português, como no caso dos vv. 459-460 e 472 do *De senectute*; excluindo a frase *neque graminibus magicisue susurris* («nem com ervas ou segredos mágicos») do verso II,106, que ele, por motivo de censura religiosa, substituiu, no seu texto, por outra mais inócua (*nec medica arte*), e pouco mais, todas as restantes alterações se devem

a exclusivas razões de ordem formal, impostas pela diferença de estrutura métrica entre a fonte inspiradora e o poema *Da Velhice*. De facto a maioria dos hexâmetros alterados correspondem a versos elegíacos — os chamados «pentâmetros» — de Lopo Serrão, os quais, por serem mais curtos, obrigaram o humanista português a necessárias e mais profundas modificações. Mas, mesmo assim, o autor afectou em muito pouco o conteúdo original (43).

Finalmente, o débito de Lopo Serrão para com o Novo Virgílio torna-se ainda mais patente no canto XIV, com que termina o poema. Numa primeira parte (vv. 323-324, 327-344, 353-356, 361-372, 391-425, 431-457), que constitui um grandioso panegírico da mulher mediante a evocação e elogio de uma longa galeria de figuras femininas, Serrão serviu-se de cerca de 110 hexâmetros colhidos em vários pontos das *Parthenicae* que Mantuano compôs em honra das virgens e mártires Catarina de Alexandria, Margarida, Águeda, Luzia e Apolónia. Na parte final daquele canto, usou, mais servilmente que nunca, dois poemas do mesmo autor: o *De calamitatibus temporum* e a elegia *De contemnenda morte*. Do primeiro, retirou Lopo Serrão um pequeno trecho de cerca de 20 versos, que expõe os incómodos da velhice e a condição caduca da vida e que ele transcreveu para o seu poema, com as habituais alterações que o novo esquema métrico exigia (vv. 477-492). Do segundo, recebeu a maior de todas as contribuições de Baptista Mantuano, que atinge perto de 130 versos e consiste numa simples transcrição, quase sem modificações (vv. 499-626). Como, neste caso, a métrica usada por Mantuano na referida elegia é também o dístico elegíaco, Lopo Serrão limitou-se a pouco mais que copiar este longo texto sobre a matéria escatológica e a imortalidade da alma com que termina o seu próprio poema (44).

É este o exemplo mais elucidativo da forma como o humanista eborense recheou a sua obra com os testemunhos clássicos e modernos e da facilidade com que, na época de Quinhentos, se procedia à apropriação do texto alheio, numa atitude que, se umas vezes representa o elogio do modelo seguido, noutros casos medeia entre a consagração e o plágio (45).

(43) Vd. id., p. 672-675.

(44) Vd. id., 730-739.

(45) Sobre esta questão, vd. id., p. 250-251.

A presença de Baptista Mantuano na obra dos três autores aqui especialmente considerados (Azpilcueta Navarro, Lopo Serrão e Amador Arrais) e pertencentes a áreas distintas do domínio cultural e literário português — o da literatura técnico-jurídica, da poesia humanística e da filosofia moral —, fornece uma tríplice prova, de entre outras porventura tão elucidativas como estas, da vitalidade que, em Portugal, manteve a poesia daquele humanista italiano durante o século XVI. E se, no conjunto dos três autores que nele se inspiraram, é preponderante a temática mariana, moral e hagiográfica, não deixa também de ser significativo, para a consideração do âmbito da receptividade que Mantuano alcançou entre nós, a diversidade de objectivos que os mesmos temas serviram e a relativa diferença específica das sensibilidades sócio-profissionais dos referidos autores: um mestre universitário de formação jurídica, um médico escolar e da corte e um filósofo com responsabilidades episcopais.

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO